

Revista Vida Capichaba (1934-1937): as imagens fotográficas a serviço dos integralistas do estado do Espírito Santo.

Pedro Ernesto Fagundes¹

Resumo: Objetivo do trabalho é analisar a atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB) no estado do Espírito Santo. Esse partido surgiu a partir da unificação de inúmeros movimentos e organizações que se fundiram em 1932 e configurou-se como uma das mais importantes agremiações partidárias, durante a década de 1930. Entre os anos de 1932-1937, os integralistas conseguiram organizar núcleos em quase todas as regiões do país e atrair para suas fileiras milhares de adeptos. Utilizaremos como fonte as imagens fotográficas da revista *Vida Capichaba*, uma publicação de grande circulação regional que colaborou na divulgação das ações do núcleo capixaba da AIB.

Palavras-chave: Integralismo; Imagens fotográficas; História Política.

Abstract: The aim of this work is to analyze the performance of the political party named Brazilian Integralist Action in the state of Espírito Santo. This party came into existence after the unification of innumerable movements and organizations that gathered together in 1932, and became one of the most important political parties during the 1930's. During the years of 1932-1937, the integralists managed to form groups in almost all the regions of the country, and attract millions of supporters. Use as a source of photographic images *Vida Capichaba* magazine, a publication of major regional movement that helped in dissemination of the core activities of the AIB capixaba.

Key words: Integralism; photographic images; Political history.

1. INTRODUÇÃO.

¹ Doutor em História Social (UFRJ) e professor do Departamento de História do Centro Universitário São Camilo – ES.

“No dia do meu casamento nenhum *chofer* de carro de aluguel queria levar a minha noiva para igreja. Eles eram todos comunistas. Tive que conseguir um automóvel emprestado para minha noiva, eu e meus companheiros do integralismo fomos a pé”. Era esse o ambiente político de Cachoeiro de Itapemirim, cidade da região sul do Espírito Santo em outubro de 1935, segundo relato emocionado do ex-dirigente integralista Nelson Silvan. Mas, por que um simples casamento despertou tanta animosidade?

O motivo da recusa dos chamados *chofer de praça* (atuais taxistas) era que aquele seria o primeiro casamento naquela cidade que seguiria as normas ritualísticas integralistas, em outras palavras, o noivo casaria de camisa verde, um dos mais caros símbolos da Ação Integralista Brasileira (AIB). Apesar dos contratemplos, ele e sua noiva, como podemos observar na imagem abaixo, chegaram à cerimônia a tempo.



As atividades dos integralistas também buscavam congregar todos os momentos da vida dos militantes. Existiam rituais e procedimentos que deveriam pautar e ser obedecidos de maneira disciplinar por todos. Essa presença da doutrina integralista em todos os momentos da vida do militante se estendia inclusive às cerimônias de casamento. Como podemos verificar na fotografia nº 01, publicada na edição nº 398 de 15 de novembro de 1935. É possível observar que se trata do registro do casamento do dirigente integralista Nelson Silvan. Esse dirigente, como tantos outros integralistas do país, casou-se trajando sua camisa-verde, com um broche na gravata e a fivela do cinto com o símbolo da sigma.

Da mesma maneira que em muitos outros lugares do país, também no sul do Espírito Santo (ES) a moldura política local passou a contar com uma nova agremiação partidária: a Ação Integralista Brasileira (AIB). Fundada em 1932, na cidade de São Paulo, pelo jornalista e escritor Plínio Salgado a AIB, em um curto espaço de tempo, passou a ser uma organização de cunho nacional e a contabilizar milhares de militantes filiados em quase todos os estados do país.

Seus militantes realizavam paradas e desfiles cívicos usando camisas verdes; sua saudação característica era com o braço estendido e falando a palavra de origem indígena *anauê*, que significa “você é meu companheiro”. Tinham como símbolo o sigma, que na matemática é utilizado para realizar o cálculo integral, numa alusão à necessidade de integrar todos os brasileiros. Vejamos os caminhos que transformaram a AIB no primeiro partido de massa do Brasil.

2. A FUNDAÇÃO DA AIB.

O dia 7 de outubro de 1932 é considerado um dos mais importantes no calendário político dos integralistas. Nessa data celebra-se a publicação do chamado Manifesto de Outubro, primeiro documento assinado e lido publicamente pelos integrantes da Ação Integralista Brasileira (AIB). O local de tão singular evento foi o tradicionalíssimo Teatro Municipal de São Paulo.²

O ato de lançamento do manifesto marcou final da fase “pré-AIB” e lançou as bases da organização que se constituiria no primeiro partido de massas do Brasil. A AIB foi criada após a incorporação de inúmeros grupos, movimentos e organizações que começaram a surgir a partir do final da década de 1920.

O embrião da AIB foi a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), entidade criada em 12 de março de 1932 por um grupo de profissionais liberais e estudantes na cidade de São Paulo. Seus objetivos originais eram a realização de debates e discussões teóricas sobre a realidade político e social brasileira. Sua primeira coordenação era chamada de Grupo de Centralização, composto pelos seguintes membros: Ataliba Nogueira, Mário Graciotti, Alpinolo Lopes Casali e José de Almeida Camargo. Coube a Plínio Salgado o posto de primeiro presidente do SEP.

O perfil político do SEP era eminentemente o de uma entidade que agregava elementos que defendiam teses antiliberais e nacionalistas. Suas discussões periódicas pretendiam apontar alternativas para a realidade política brasileira que, segundo a visão de seus membros, era controlada pelas antigas oligarquias e pelos remanescentes do movimento Tenentista. Entretanto, após a fundação do SEP, Plínio Salgado começou a desenvolver um

² Para saber mais sobre a fundação da AIB, ver em: TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. Porto Alegre: Editora UFRGS. São Paulo; Difel, 1974.

intenso intercâmbio e articulações com outras organizações e movimentos políticos nos estados do Nordeste, em Minas Gerais e no então Distrito Federal (RJ).

Dessa forma, antes mesmo do SEP lançar seu próprio manifesto oficial, já haviam começado as manobras para modificar sua diretriz original de se ocupar apenas dos debates teóricos. Isso porque, na análise de Salgado e da maioria dos membros do SEP, havia chegado o momento da organização também se voltar para finalidades políticas práticas.

Mesmo enfrentando pequenas divergências internas, Plínio Salgado conseguiu convencer a maioria dos membros do SEP e aprovar uma proposta de criação de uma coalizão de partidos, organizações e movimentos que defendiam as mesmas propostas. Com isso, após inúmeras reuniões e trocas de correspondências, foi fundada oficialmente, no dia 7 de outubro, no teatro Municipal de São Paulo, a Ação Integralista Brasileira (AIB).

O primeiro ano de funcionamento da AIB foi marcado, sobretudo pela tentativa de estruturação e afirmação da organização no cenário político nacional, tanto que a AIB obteve seu registro no Tribunal Superior de Justiça Eleitoral e participou de maneira discreta nas eleições para a Assembléia Constituinte de 1934. A primeira manifestação pública de destaque da AIB foi realizada em São Paulo em abril de 1933.

A partir dessa primeira parada, que reuniu algumas centenas de integralistas uniformizados com suas camisas-verdes e identificados com o símbolo do sigma nos braços, os grandes desfiles da AIB passaram a ser um dos elementos mais marcantes e característicos dos integralistas brasileiros. Outra estratégia utilizada pelos integralistas para chamarem a atenção e atraírem a simpatia da população foram às chamadas “bandeiras ou caravanas Integralistas”.

Os principais dirigentes da AIB partiram em caravanas para várias cidades e regiões do Brasil. Essas “bandeiras” tinham o objetivo de divulgar as idéias do movimento e ao mesmo tempo fundar núcleos da AIB. Foi a partir dessas incursões que houve uma expansão da organização para além dos limites do estado de São Paulo.

Pelo fato de ter sido o local que assistiu ao surgimento da organização, São Paulo ocupou uma posição de destaque na estrutura organizacional da AIB. Isso porque a capital do estado foi o local onde foram realizadas a primeira parada da história da milícia integralista e a primeira reunião pública do movimento, durante o ano de 1933. Foi em solo paulista que também surgiu o primeiro órgão informativo, os primeiros grandes conflitos com as forças antifascistas – Bauru e a “Batalha da Praça da Sé” – ambas em outubro de 1934.

Também pela sua posição de relevo em nível nacional a “Província integralista de São Paulo” foi o local que contou com o maior contingente de adeptos do movimento integralista. Uma centena de núcleos municipais e distritais foi organizada tanto na capital quanto no interior. Outro ponto relevante na organização paulista foi o número de jornais, postos de saúde e escolas criados pela AIB.³

Nas estatísticas do movimento publicadas na sua imprensa oficial – é sempre importante lembrar que pela ausência de documentos oficiais estamos nos baseando em informações dos próprios integralistas e que, portanto, devem ser consideradas como fontes parciais e tendenciosas – o núcleo paulista era o que sempre aparecia com o maior número de núcleos organizados no país.

Consolidada sua posição em São Paulo, em agosto de 1933 começou uma fase de pleno crescimento da AIB em outras regiões do país, tendo em vista que foi nesse período que a direção nacional resolveu intensificar seu trabalho de propaganda e organização. Nesse sentido, inicialmente, as “bandeiras integralistas” seguiram nas direções norte e sul do território nacional e passaram em centenas de cidades realizando conferências – quase sempre em recintos fechados – e fundando núcleos.

Entre os mineiros os “camisas-verdes” tiveram uma posição destacada com a organização de inúmeros núcleos. Basta recordar que em 9 de outubro de 1932 foi organizado o segundo núcleo da história dos integralistas na cidade mineira de Teófilo Otoni. O núcleo foi comandado por Olbiano de Melo. Outro fato ímpar entre os núcleos integralistas mineiros aconteceu no município de Juiz de Fora, local que teve seu núcleo organizado após a passagem da “bandeira Integralista” em outubro de 1933. Nessa cidade, a base principal de apoio à fundação e desenvolvimento das atividades dos “camisas-verdes” foi a Igreja Metodista local.⁴

Na capital federal – cidade do Rio de Janeiro – o primeiro núcleo integralista foi fundado em abril de 1933 e teve como principais dirigentes Belmiro Valverde, Artur Thompson Filho, José Madeira de Freitas, Thiers Martins Moreira, San Thiago Dantas, Antonio Galloti, Hélio Viana e Américo Jacobina Lacombe.

³ Para mais informações sobre as escolas, jornais e postos de saúde da AIB no estado de São Paulo, ver: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: SP. EDUSC, 1999.

⁴ Mais informações em: GOLÇALVES, Leandro Pereira. *Tradição e Cristianismo: o nascimento do Integralismo em Juiz de Fora*. IN: *Estudos do Integralismo no Brasil*. (ORG). SILVA, Giselda Brito. Recife: PE. Editora da UFRPE, 2007.

Nessa verdadeira cruzada os integrantes da direção nacional puderam entrar em contato com a realidade do país, sobretudo o grupo liderado por Plínio Salgado, que teve a incumbência de cruzar as cidades da região Nordeste e Norte. As “províncias integralistas” começaram a surgir em quase todos os estados da região: os dados da AIB de 1937 apontam o estado da Bahia como o segundo em nível nacional em relação à quantidade de núcleos organizados e ao número de filiados.⁵ Os baianos, liderados por João Alves dos Santos, organizaram o primeiro núcleo integralista em novembro de 1932.

No Rio Grande do Norte a adesão do folclorista Câmara Cascudo foi amplamente divulgada pela imprensa do partido. Ainda no Nordeste, cabe destacar as províncias integralistas de Pernambuco, do Ceará e do Maranhão. Na cidade de Recife, um grupo de acadêmicos do curso de Direito, empolgados com o teor do “Manifesto de Outubro de 1932”, publicou o que viria a se chamar “Manifesto de Recife”, que apoiava na íntegra aquele documento.

Outro dado importante sobre a atuação dos “camisas-verdes” pernambucanos⁶ foi a estreita relação com elementos da intelectualidade, com estudantes e com segmentos do laicato católico. Entre os pernambucanos o integralismo teria sido apresentado como um movimento de forte teor religioso e, por conta disso, a AIB teve uma grande aceitação entre a intelectualidade católica do estado.⁷

Essa mesma proximidade entre integralistas e líderes católicos pode ser detectada em outra “província integralista” nordestina. No estado do Ceará o movimento foi oficializado em dezembro de 1932. Entre os “soldados de Deus” cearenses, uma das mais importantes lideranças da AIB foi o padre Helder Câmara.

Mais do que a simples presença do religioso nas fileiras dos “soldados de Deus” as relações amistosas entre católicos e integralistas foi reforçada com o apoio e a adesão da Legião Cearense do Trabalho (LCT) à causa do sigma. Outro ponto de convergência foi a presença de núcleos da AIB no interior do estado, que começaram a se multiplicar durante o ano de 1934. Nessas áreas do estado – como em outras regiões do país – foram abertas uma série de escolas e postos de atendimento para a população.⁸

⁵ *Monitor Integralista*, pg. 4, 20/2/1937.

⁶ Para maiores informações sobre os integralistas em Pernambuco, ver: SILVA, Giselda B. O Integralismo em Pernambuco: uma história entre tantas da Ação Integralista Brasileira. IN: Estudos do Integralismo no Brasil. (ORG). SILVA, Giselda Brito. Recife: PE. Editora da UFRPE, 2007.

⁷ SILVA, Giselda Brito. *idem*.

⁸ Sobre a presença da AIB no interior do Ceará, ver: REGIS, João Rameres. “Galinhas-verdes”: Memória e História da Ação Integralista Brasileira.. Limoeiro – Ceará (1934-1937). Dissertação de Mestrado apresentada no Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE, 2002.

Os meses de dezembro de 1933 e janeiro de 1934 marcaram a passagem da “bandeira-verde” pela capital do Maranhão. Comandada por Gustavo Barroso e Miguel Reale, a comitiva de dirigentes realizou, em 27 de dezembro, a primeira de uma série de conferências em São Luís. Os principais dirigentes locais eram Cássio Miranda (médico), padre Carlos Bacelar, Rubens Damasceno (professor), Olavo Leite, Warwick Trinta e Clodoaldo Fontenelle.⁹

Os anos de 1934 e 1935 registraram uma importante fase de crescimento da AIB, tanto na capital quanto no interior do estado. Em relação à penetração dos integralistas em cidades de pequeno e médio porte do Maranhão é importante destacar que em alguns locais – pode-se citar as cidade de Caxias e Pedreira – a adesão às fileiras do partido foi referendada por grupos políticos tradicionais que dominavam as disputas locais.

Vale ressaltar que, do mesmo modo como ocorreu em outros estados do país, os “camisas-verdes” maranhenses receberam apoio de setores do clero, inclusive, com a presença de religiosos nas atividades organizadas pelos integralistas. A sintonia entre os integralistas do estado e segmentos católicos era tamanha que em 1937, ano da disputa presidencial que contou com Plínio Salgado entre os candidatos, o arcebispo Carlos Carmelo Mota pronunciou-se favoravelmente às atividades da AIB no estado do Maranhão.

Depois de meses de penosas viagens pela região Nordeste a comitiva da AIB chegou, a bordo de barcos, aos longínquos estados do Pará, Amazonas e Acre. Como aconteceu nos locais anteriormente visitados, os membros da “bandeira-verde” foram calorosamente recepcionados. Em janeiro de 1934 Gustavo Barroso e seu séquito estiveram nas cidades de Belém e Manaus para a realização de conferências com os simpatizantes e filiados das respectivas cidades e organização de núcleos.

Na região Centro-oeste as atividades em Goiás estiveram sob a direção do tenente Eduardo Bastos e do estudante Virgílio Gondier Fleury. No estado de Mato Grosso os primeiros integralistas registrados estavam sendo comandados por Sebastião Lins e Fulvio Mandeta.

Coube a Miguel Reale a tarefa de comandar as bandeiras que se dirigiram para a região Sul do país. Durante o mês de agosto de 1933, realizaram-se conferências nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Dos três estados da região a AIB conseguiu

⁹CALDEIRA, João Ricardo. *Integralismo e Política Regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão (1933-1937)*. São Paul: Annablume, 1999, pg. 29.

resultados mais significativos em Santa Catarina. Segundo relatos publicados em 1937 esse estado ocupava o terceiro lugar nacional em número de núcleos organizados.¹⁰

No Rio Grande do Sul a direção do movimento esteve a cargo de Dario Bitencourt, Anor Butler Maciel e Nelson Contreiras. Nas eleições municipais de 1935 os integralistas elegeram dois vereadores; um em Novo Hamburgo e um em Caxias do Sul.¹¹ Também houve o lançamento de candidaturas a prefeito em outras cidades importantes, sobretudo na região norte e serrana do estado, entre elas Passo Fundo, Erechim e Carazinho.¹²

Na soma geral o resultado dos “candidatos-verdes” ficou muito abaixo das expectativas, tento em vista que em quase todos os municípios nos quais a AIB lançou candidaturas próprias para prefeito e chapas completas para vereador o resultado final relegou os integralistas às últimas colocações. Entretanto, esses percalços eleitorais dos “camisas-verdes” gaúchos não serviram como obstáculo para o crescimento de núcleos nos dois estados que, como afirmamos anteriormente, ocuparam posição relevante no quadro nacional da organização.

É importante frisar que, longe de indicar uma identificação espontânea ou natural com o fascismo e o nazismo, o fato de os “camisas-verdes” obterem seus maiores êxitos em regiões de forte presença de imigrantes e descendentes de imigrantes alemães e italianos, ao contrário do que o senso comum indica, não decorreu de uma simples simpatia com propostas fascistas ou nazistas. Muito pelo contrário, em cidades de Santa Catarina ocorreu uma disputa entre os militantes da AIB e membros dos núcleos locais do Partido Nazista.

Pesquisas recentes apontam que, em certa medida, aconteceram disputas e divergências entre as duas agremiações. Os dirigentes do Partido Nazista defendiam e divulgavam os limites nativistas e locais da AIB e mais: recomendavam que a comunidade alemã e os seus descendentes ignorassem os integralistas.¹³

Ainda, em relação à presença da AIB nos estados do Sul, é necessário destacar que uma das possíveis justificativas para o grande número de adeptos – a “província integralista catarinense” foi a terceira mais numerosa do país – deve-se à postura dos integralistas em relação às lideranças políticas tradicionais. Os partidários gaúchos de Plínio Salgado ocuparam uma posição relevante na oposição ao governador Flores da Cunha. Da mesma

¹⁰ *Monitor Integralista*, pg. 4, 20/2/1937.

¹¹ GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo e Fascismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, pg. 113.

¹² Sobre a atuação da AIB na região norte do Rio Grande do Sul, ver em: IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo Verde: o Integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

¹³ DIETRICH, Ana Maria. *Entre Sigmas e Suásticas: nazistas e integralistas no Sul do Brasil*. IN: *Estudos do Integralismo no Brasil*. (ORG) SILVA, Giselda Brito. Recife: PE. Editora da UFRPE, 2007, pg. 215.

maneira que em outros estados, a AIB representou uma das alternativas políticas para amplos setores que haviam ficado à margem das disputas durante a Primeira República.¹⁴

A trajetória da AIB no Paraná iniciou-se também no segundo semestre de 1933 com a passagem da “bandeira” liderada por Miguel Reale. Entre os municípios do interior do estado, destaque para o núcleo de Ponta Grossa. Nas eleições municipais de 1935, de um total de oito parlamentares os “camisas-verdes” elegeram uma bancada de quatro vereadores na Câmara Municipal.¹⁵

Inegavelmente as “bandeiras-verdes” contribuíram de maneira decisiva para a ampliação do número de filiados e núcleos organizados em todos os estados do país. O ano de 1933 foi pródigo para os integralistas no que diz respeito à sua expansão e, sobretudo, porque foi no segundo semestre desse ano e nos meses iniciais de 1934 que a AIB efetivamente se consolidou como uma organização de nível nacional. Em 1937, às vésperas da disputa presidencial, as projeções indicavam que os “camisas-verdes” contavam com um milhão de brasileiros organizados em torno de milhares de núcleos municipais e distritais.

Por mais tendenciosos ou exagerados que possam parecer os números apresentados pela “imprensa-verde”, algumas questões são inegáveis: a AIB contou com um amplo contingente de filiados em suas fileiras, esteve presente em todo o território do país e foi uma organização política que atuou de forma unificada e centralizada.

3. A REVISTA VIDA CAPICHABA E AS IMAGENS DA AIB.

Buscando apresentar um perfil diferente das outras forças que militavam na arena política brasileira, os “camisas-verdes” utilizassem os meios de comunicação como um instrumento de propaganda de suas atividades. Sendo assim, os integralistas criaram revistas e jornais em todos os seus núcleos estaduais.

Entre esse conjunto de periódicos ligados oficialmente ou simpatizantes dos “camisas-verdes” gostaríamos de destacar uma publicação: a revista *Vida Capixaba*. Esse periódico, apesar de nunca assumir publicamente seu caráter político, abriu generosos espaços para reproduzir matérias e, principalmente, imagens fotográficas dos “camisas-verdes” locais.

¹⁴ Para maiores informações sobre a presença da AIB, ver em: GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo e Fascismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto

¹⁵ Para mais informações sobre os integralistas em Ponta Grossa, ver em: CHAVES, Niltonci Batista. “A saia verde está na ponta da escada”. As representações discursivas do Diário de Campos a respeito do integralismo em Ponta Grossa. IN: *Revista de História Regional*. Vol. 4 (1): 57 – 80. Ponta Grossa – PR, 1999.

Nesse trabalho pretendemos analisar uma série de fotografias que retratam o cotidiano político dos militantes da AIB. A quantidade de fotografias das atividades dos integralistas nas páginas da revista podem ser explicadas pelo fato de um dos seus editores ter sido Jair Dessaune - um dos mais importantes dirigente da AIB do estado. Esse dirigente integralista chegou a eleger-se vereador pela legenda na capital do estado, nas eleições de 1935.

A utilização das fontes fotográficas tem despertado, nos últimos anos, um grande interesse nos meios acadêmicos. Essa mudança de postura em relação às fontes fotográficas é fruto da chamada “revolução documental” das últimas décadas. Esse alargamento do termo documento teve como resultado a inclusão das fontes fotográficas como uma importante categoria de análise da realidade social. Atualmente no campo historiográfico os estudiosos dos mais variados gêneros da História, além de pesquisadores de outros ramos das Ciências Humanas, tem explorado o potencial da fotografia.

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade da realidade que a originou. (KOSSOY, 2001: 32)

As imagens fotográficas, após o “alargamento” documental dos últimos anos, tem contribuído para a recuperação dos fatos passados, nessa perspectiva, as imagens documentais são insubstituíveis quando analisadas a partir de um caráter teórico, técnico e metodológico. Nesse sentido, as fontes fotografias podem cumprir um papel de destaque na investigação histórica. Esse entendimento indica que as fontes fotográficas são fundamentais para o conhecimento da memória social, sendo mais que meras “ilustrações ao texto”.

A imagem fotográfica teria trilhado um longo caminho da sua criação, em meados do século XIX, até os dias atuais, em que passou a ser conceituada como fotografia documental. No terreno da História uma vertente passou ocupar no estudo da própria história da fotografia enquanto meio de comunicação que em seu processo histórico passou por uma série de transformações técnicas, algo como o estudo da história da fotografia.

Outra vertente da História procura investigar o emprego da iconografia do passado como uma fonte de apoio, através do emprego de um conjunto de instrumentos metodológicos e teóricos, para a descoberta de vestígios do passado. Essas duas vertentes são fundamentais e se complementam na medida que ambos os estudos tem como elemento primordial o estudo

dos documentos fotográficos. Essa dinâmica tem permitido uma ampliação e acúmulo de informações sobre a fotografia. Para o autor, toda fotografia seria o testemunho de uma criação e, por outro lado, também representaria a criação de um testemunho. Esse procedimento permite que utilizemos a fotografia enquanto instrumento de pesquisa, que auxilia na descoberta, análise e interpretação do cotidiano histórico.

Nesse sentido, através da análise da imagem enquanto elemento inserido no campo social, é possível investigar todo o circuito social da fotografia, ou seja, desvendar quem produziu, como circulou e quem consumiu esta fotografia.

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que traz à tona. A fotografia assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto imagem/monumento. (CARDOSO e MAUAD, 1997: 406).

Para a análise do conteúdo da mensagem fotográfica, enquanto expressão de uma realidade social pretendemos contextualizar a produção da fotografia como algo semelhante a produção de um texto. A imagem fotográfica deve ser vista como um verdadeiro texto visual, que pode estabelecer relações com outros tipos de textos produzidos na mesma época. Assim a fotografia poderia ser interpretada como um texto icônico, com códigos e significados próprios dentro de seu campo temático e lugar temporal.

A imagem fotográfica deveria ser interpretada a partir da realidade em que foi produzida. A leitura da imagem, segundo essa perspectiva, tem que buscar compreender as questões históricas e culturais presentes na produção da imagem. Outra questão importante seria analisar o estoque de signos presentes nas fotografias, alguns desses signos estariam nos gestos, atitudes, expressões, cores, efeitos especiais, etc.

Cada fotografia estaria repleta de certos significados pertencentes a uma determinada prática social inserida em um determinado contexto histórico. É fundamental que se estabeleça um código de conotação para leitura das fotografias, pois esse código permitiria a criação de categorias de análise específicas para o documento visual. Fato que permitiria que a interpretação da fotografia fosse sempre fundamentada em bases históricas.

Nesse sentido é importante destacar que o acervo pesquisado é o da Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo. O acervo conta com a coleção da revista *Vida Capixaba*. Essa revista era a grande referência para a população capixaba da época, pois, registrava e divulgava os principais fatos políticos, culturais, artísticos e sociais do estado. A revista era impressa em tamanho ofício, com a capa colorida e seu interior, quase sempre, repleto de fotografias em preto e branco. É importante destacar que a revista alternou seu período de publicação entre o lançamento de seus números mensalmente e quinzenalmente.

Uma marca evidente da revista era seu ecletismo em relação aos temas e gêneros de suas reportagens. Em algumas edições a revista destacava as visitas do governador (interventor) do estado aos municípios do interior. Por outro lado, também ocupavam grande destaque em suas páginas as atividades sociais do ES, um exemplo, eram as edições que faziam uma ampla cobertura, com dezenas de fotografias, do carnaval nos salões dos mais destacados e tradicionais clubes do estado.

Pode-se afirmar que o circuito social dessas imagens foi amplo e variado. Provavelmente, por conta da diversidade de suas matérias, a revista chegou a ocupar posição entre as mais consumidas do estado. Tudo indica que a publicação contava com milhares de leitores que entreviam em contado constantemente com as imagens fotografias de militantes da AIB em atividades públicas como casamentos, reuniões e desfiles. Pode-se supor que os próprios integralistas enviavam essas fotografias para a redação da revista. Os camisas-verdes capixabas souberam aproveitar a popularidade da revista *Vida Capichaba*, como um importante mecanismo de divulgação e propaganda dos núcleos locais da AIB .

Entre os anos de 1933 e 1937 foram publicadas dezenas de fotografias do movimento integralista do ES na revista. As série de imagens que escolhemos para analisar, num total de cinco (05) imagens, são todas em preto e branco e registraram os militantes da AIB nos mais diferentes ambientes e atividades.



Um exemplo foi à matéria publicada na edição nº 375, de 30 de Outubro de 1934. A *Vida Capichaba* destaca nesse número a imensa parada integralista realizada em Vitória.

Segundo a revista, a parada mobilizou aproximadamente dois mil camisas-verdes de varias regiões do estado. A fotografia nº 01 mostra o momento da chegada de caravanas do interior do estado para tomarem parte no desfile. Os integralistas, em vários caminhões, atravessam a ponte Florentino Ávidos, em direção ao centro da capital.

As fotografias nº 03 e 04 retratam as atividades da AIB no distrito de Burarama, na região sul do estado, onde era grande a presença de imigrantes e descendentes imigrantes de origem italiana. Esse conjunto de imagens, publicadas na edição nº 378, de 30 de maio de 1935, mostram a família de João Gava, um dos chefes integralistas do município de Cachoeiro de Itapemirim. Nota-se através da imagem a presença de um dos pontos de destaque do movimento, a numerosa e destacada presença de crianças e de mulheres entre os integralistas. Todos estão devidamente uniformizados e posicionados de maneira solene nas imagens.



A coleção de revistas *Vida Capichaba* e, sobretudo, o conjunto de fotografias do cotidiano dos militantes da AIB se configuram como um verdadeiro lugar de memória do movimento integralista no ES. Segundo NORA (1993), conceito de lugar de memória indica que um espaço ocuparia os três sentidos da recordação: o material, o simbólico e o funcional.

Assim esses três sentidos podem ser encontrados nas manifestações de memória, juntos ou separados. Como em um depósito de arquivos, um testamento, um manual de aula, uma associação de ex-combatentes, todos esses espaços podem ser classificados como lugares de memória. Os atos que têm a capacidade de cristalizar uma lembrança, um acontecimento, por mais simbólicos que sejam, como o ritual de um minuto de silêncio, podem ser enquadrados como um dos sinais que caracterizam a existência de um lugar de memória.

A valorização dos restos, através da *vigilância comemorativa*, seria um dos únicos meios que garantiria que a História não fosse varrida. Com isso o papel das festas, dos

museus, dos cemitérios, dos arquivos, dos aniversários, dos tratados, dos monumentos, enfim, dos lugares de memória é serem marcos testemunhais de outra era, seriam rituais de uma sociedade sem ritual, sacralização de sociedades *dessacralizadas* e, por último, sinais de pertencimento de grupo em uma sociedade que só reconhece indivíduos iguais e idênticos.

Com essa constatação, o autor conclui, que antes que o lugar de memória exista é fundamental que se tenha uma *vontade de memória*. O que o autor entende como *vontade de memória* seriam as manifestações que indicariam que um determinado local deveria ser digno de uma *concentração de lembranças*.

Como se os lugares de memória tivessem o poder de parar o tempo, sua razão fundamental seria bloquear o esquecimento, fixando um estado de coisas como se fosse possível, nas palavras do autor, imortalizar a própria morte. Dessa forma, podemos afirmar que a coleção de imagens fotográficas do acervo da revista *Vida Capixaba* é um dos mais ricos e importantes lugares de memória que preserva parte da trajetória histórica da AIB no ES.

A presença da AIB na “Província integralista capixaba” teve início durante o segundo semestre de 1933. A primeira cidade a receber uma reunião pública da organização foi a capital, Vitória, com a passagem da “bandeira integralista”. Observa-se também que nas disputas municipais de 1935, os militantes do ES elegeram um total de 26 vereadores e 2 prefeitos.¹⁶

A fotografia nº 05, publicada na edição nº 411 de 15 de junho de 1936, mostra uma reunião de alguns vereadores de Vitória da legislatura 1935-1937. Segundo FAGUNDES (2005), nas eleições municipais realizadas em 1935 no estado do ES, a AIB elegeu 26 vereadores e dois prefeitos. Entre os membros da bancada integralista capixaba dois foram eleitos pela capital. Os vereadores integralistas de Vitória eram o dirigente provincial Jair Dessaune e o padre Ponciano Stenzel.

A imagem analisada registrou a presença dos representantes da bancada da AIB nessa reunião, sendo que Jair Dessaune encontra-se em pé, devidamente uniformizado. O padre e vereador da AIB Ponciano Stenzel encontra-se sentado, vestindo a tradicional



¹⁶Para mais informações, ver em FAGUNDES (2005), *XXIII Simpósio Nacional da ANPUH. História*

batina dos religiosos católicos. A imagem demonstra que também nos espaços públicos, como nas câmaras municipais, os integralistas usavam seus uniformes e símbolos.

Nesse estado a militância era composta, principalmente, por agricultores, funcionários públicos e profissionais liberais. Os “camisas-verdes” capixabas chegaram a eleger dois vereadores em Vitória, sendo um o dirigente provincial Jair Dessaune e o outro o padre Ponciano Stanzel, fato que chamou a atenção. Outro ponto que liga os capixabas com foi o fato do Primeiro Congresso Nacional da AIB ter sido realizado na cidade de Vitória.

4. IMAGENS FOTOGRÁFICAS E A PROPAGANDA POLÍTICA.

Como pontuamos, o I Congresso Nacional da AIB foi um marco na transição da organização de uma associação cultural para um partido político. No entanto se isso ocorreu de fato, de direito a transformação só ocorreria em 1935, durante o II Congresso Nacional, realizado na cidade fluminense de Petrópolis. De qualquer forma, já durante o congresso de Vitória, a aprovação dos estatutos, dos documentos e a consagração de Salgado como único chefe nacional deram ao partido seu perfil definitivo.

Nesse encontro, mais do que nunca, os integralistas passariam a contar com um partido organizado verticalmente. O ano de 1934 representou um momento de transição, pois a AIB deixou de ser apenas mais uma organização – como tantas outras que surgiram nos anos anteriores com a finalidade de apenas apresentar e debater seu corpo de idéias – para se configurar de fato num partido político.

Sendo assim, um dos instrumentos utilizados pelos integralistas para afirmar sua presença e demarcar sua imagem política foi através da propaganda política. A direção da AIB procurou seguir o exemplo dos regimes totalitários europeus, sobretudo na Itália (Fascismo) e na Alemanha (Nazismo). Os governos de ambos os países montaram todo um aparato estatal que passou a ter a incumbência de planejar, organizar e executar os projetos de propaganda política. A idéia central era despertar, emocionar e, principalmente, mobilizar milhares de militantes e, simultaneamente, conquistar novos adeptos para suas causas.¹⁷

Na Alemanha, sob a égide da suástica, o rádio passou a ser utilizado como um valioso instrumento na tarefa de difundir as propostas, atrair novos seguidores e fazer propaganda política do governo chefiado por Adolf Hitler. Nesse processo de massificação da propaganda

¹⁷ CAPELATO, Maria H. R. Multidões em cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Campinas: Papirus, 1999, pg. 65.

de caráter partidário, sem dúvidas, os nazistas souberam utilizar esse veículo de comunicação para ampliarem o raio de alcance de sua propaganda política,¹⁸ haja vista, que um dos primeiros ministérios criados pelo regime do Nacional-socialismo foi exatamente o Ministério da Informação Popular e Propaganda.

Já na Itália fascista, apesar de também utilizar o rádio como instrumento de propaganda política, o jornal “tornou-se o canal através do qual o regime transmitia às massas as linhas de sua política interna”. (CAPELATO, 1999: 74). Aliás, o *Duce* Benito Mussolini,¹⁹ antes de fundar as primeiras células do fascismo, trabalhou como editor de jornais de tendência de esquerda na Itália. Nesse país também houve uma ampla utilização de instrumentos de propaganda política, tais como panfletos, jornais, livros, cartazes, etc.

Em nosso país a utilização de tais ferramentas com finalidade de arregimentação política teve suas primeiras manifestações no início da década de 1930, mais precisamente durante a administração de Pedro Ernesto Batista, então no cargo de interventor do Distrito Federal.²⁰ Durante sua administração o interventor teria utilizado o rádio e os jornais para divulgar sua imagem popular de médico bondoso e solidário com os mais carentes.

Em nível nacional o emprego dos meios de comunicação como instrumentos de mobilização ocorreu com maior destaque a partir da administração do presidente Getúlio Vargas. Os primeiros passos nesse sentido ocorreram em 1931, com a criação do Departamento Oficial de Propaganda. Em 1934, surgiu o Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural. Mais tarde, em 1939, esse órgão recebeu a denominação de Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ligado ao Ministério da Justiça.

O rádio foi o veículo de comunicação mais utilizado pela administração Vargas para realizar sua propaganda política. Sem dúvida, um dos elementos fundamentais para a criação da mitologia política em torno da figura de Vargas entre a população foi a construção de um poderoso aparato de propaganda estatal. Após a criação do DIP essa tarefa experimentou uma profunda intensificação.

A administração Vargas desde seus primeiros momentos preocupou-se com essa questão. Tanto que ainda em 1931 foi criado o programa radiofônico “Hora do Brasil”, que

¹⁸ Idem, pg. 73

¹⁹ Sabe-se que Plínio Salgado, pouco antes de fundar a AIB, visitou a Itália e esteve pessoalmente com Mussolini. Provavelmente, a experiência de propaganda política empregada pelo fascismo italiano serviu de inspiração para o movimento integralista.

²⁰ O interventor do Distrito Federal, Pedro Ernesto Batista, também teria utilizado o rádio e os jornais para divulgar as realizações de sua administração na capital do país. Para saber mais, ver em: GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

teve o objetivo de explicitar as realizações da administração para as “massas”. Aliás, a idéia de utilizar o rádio como veículo de propaganda estatal foi uma prática muito comum durante esse período não só no Brasil como em vários países.

O importante do rádio não era exatamente o que era passado e sim como era passado, permitindo a exploração de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes. Efeitos sonoros de massa podiam atingir e estimular a imaginação dos rádios-receptores, permitindo a integração, em variados tons entre emissor e ouvinte, para se atingir determinadas finalidades de participação política. (LENHARO, 1986: 41)

Em nosso país o trabalho do DIP propiciou “uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional”.(LENHARO, 1986: 40). Ainda em relação ao DIP, suas funções não se restringiram aos programas de rádio. Entre as outras atividades desenvolvidas pelo órgão estava a edição de livros, cartilhas e panfletos voltados para as crianças e jovens – principais alvos dessa verdadeira reeducação cívica.

No que diz respeito à AIB e à utilização dos meios de comunicação de massa para realizar propaganda política é importante ressaltar que essa agremiação procurou adequar-se a esse fenômeno político e, portanto, utilizar seus jornais, revistas, pronunciamentos no rádio e panfletos como instrumentos de intervenção política. Entre inúmeros elementos que permitem tipificar a AIB como um partido de novo tipo no cenário político brasileiro da época um ponto assume maior destaque: a utilização da propaganda política.

Em meio ao mosaico de organizações que atuaram na esfera partidária do país durante a década de 1930, a AIB foi a que soube utilizar de maneira mais ampla e diversificada os meios de comunicação como ferramenta de legitimação de seu ideário e de suas matrizes políticas. Para se distinguir entre os outros partidos políticos os “camisas-verdes” utilizaram um amplo leque de materiais, entre eles: jornais, revistas, moedas, medalhas, o rádio, o cinema, fotografias e cartazes.

Tudo indica que a passagem de muitos de seus dirigentes pela imprensa foi importante para fundamentar a preocupação dos integralistas com os meios de comunicação. É importante lembrar que, durante grande parte da década de 1920, Plínio Salgado teve uma atuação destacada como jornalista e editor do *Correio Paulistano*, órgão de imprensa que foi um verdadeiro porta-voz do Partido Republicano Paulista (PRP).

Outra experiência de Salgado na imprensa ocorreu em julho de 1931 quando o futuro chefe nacional da AIB foi um dos fundadores do jornal *A Razão*. Nesse periódico Plínio

Salgado redigiu vários editoriais que já antecipavam inúmeras teses que seriam encampadas pelo movimento integralista.

Os integralistas também preocuparam-se em difundir sua doutrina e suas propostas utilizando outros veículos de comunicação. Especificamente os “soldados de Deus” procuraram, sempre que possível, usar o rádio como espaço de mobilização e meio de atingir o público externo. Como dissemos, visando atingir um público maior e mais diversificado, os “seguidores do sigma” não se importaram em comprar – em inúmeras oportunidades – espaços no rádio para que seus líderes pudessem fazer pronunciamentos. O próprio Plínio Salgado utilizou as ondas do rádio para realizar o lançamento oficial de sua candidatura à Presidência da República em 1937.

Como destacamos, para cumprir tal tarefa foi preciso que também em âmbito regional os integralistas contassem com uma ampla rede de publicações ligadas ao movimento. No Espírito Santo a publicação que melhor cumpriu essa função foi a revista *Vida Capichaba*. O editor desse periódico era o jovem dirigente “camisa-verde” Jair Dessaune que em varias oportunidades publicou fotografias das atividades dos integralistas nas páginas da revista. Essas imagens marcam o início de uma época em que política e propaganda estreitaram e se alinharam definitivamente.

Bibliografia.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os exemplos da Fotografia e do Cinema. In: **Cardoso, C.F.; Vainfas, R. (Org).** *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, p.401-418. 1997.

CALDEIRA, João Ricardo. *Integralismo e Política Regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão (1933-1937)*. São Paul: Annablume, 1999.

CAPELATO, Maria H. R. *Multidões em cena: Propaganda Político no Varguismo e no Peronismo*. Campinas: Papirus, 1999.

CHAVES, Niltonci Batista. “A saia verde está na ponta da escada”. As representações discursivas do Diário de Campos a respeito do integralismo em Ponta Grossa. In: **Revista de História Regional**. Vol. 4 (1): 57 – 80. Ponta Grossa – PR, 1999.

DIETRICH, Ana Maria. Entre Sigmas e Suásticas: nazistas e integralistas no Sul do Brasil. In: SILVA, Giselda Brito (Org.). **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: PE. Editora da UFRPE, 2007.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os Integralistas nas eleições de 1936 no ES. In: **XXIII Simpósio Nacional da ANPUH. História: Guerra e Paz**. Londrina –PR. CDrom, 2005.

GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo e Fascismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, pg. 113.

GOLÇALVES, Leandro Pereira. Tradição e Cristianismo: o nascimento do Integralismo em Juiz de Fora. In: **SILVA, Giselda Brito (Org.)** *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: PE. Editora da UFRPE, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 1994.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo Verde: o Integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

LENHARO, Alcir. *A Sacralização da Política*. 2 Ed. Campinas: Papyrus, 1986

KOSSOY, Borris. *Fotografia e História*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

REGIS, João Rameres. *“Galinhas-verdes”*: Memória e História da Ação Integralista Brasileira.. Limoeiro – Ceará (1934-1937). Dissertação de Mestrado apresentada no Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE, 2002.

SILVA, Giselda B. O Integralismo em Pernambuco: uma história entre tantas da Ação Integralista Brasileira. In: **SILVA, Giselda Brito (Org.)** *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: PE. Editora da UFRPE, 2007.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 1930*. São Paulo: co-edições: UFRGS e Difel, 1974.

Fontes documentais.

- a) Revista Vida Capichaba (Vitória – ES)
- b) Diário da Manhã (Vitória – ES)
- c) Monitor Integralista (São Paulo – SP)
- d) A Ofensiva (Rio de Janeiro)

